

# Reforma na rede estadual causa confusão

*Uma semana após o início das aulas, há escolas superlotadas ou com poucas carteiras*

**ROSA LUIZA BAPTISTELLA**

A rede de escolas estaduais não estava preparada para a reorganização. Uma semana após o início das aulas, unidades de vários municípios da Grande São Paulo estão com salas superlotadas ou número insuficiente de carteiras entre outros problemas.

Em alguns prédios, as classes abrigam até 55 alunos por turno, como é o caso da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus (EPPSG) Vitor Miguel, no Bairro do Sapopemba, Zona Leste da Capital. Em outros, como Escola Estadual de Primeiro Grau (EPPG) Tristão de Ataíde, centro de Diadema, no ABC, estudantes estão assistindo aulas sentados no chão.

Em Mauá, também na região do ABC, a direção da EPPSG Antônio Prado Júnior, bairro de Vila Rosina, adotou rodízio para não prejudicar estudantes de uma única série. A cada dia, uma turma fica em casa para não sentar no chão. Ontem, a escola recebeu algumas carteiras, mas a quantidade não atende às necessidades. Há salas funcionando com mesas improvisadas. Portas foram coladas sobre cavaletes e abrigam de três a quatro crianças. Os alunos assistem às aulas em total desconforto.

Ainda em Mauá, as turmas da



José Cordeiro/AE

Sala da EEPG Antônio Prado Júnior: carteiras improvisadas para acomodar todos os novos alunos

EPPG Iracema Crem, no Jardim Zaira, ficam na escola apenas duas horas e meia por dia. A dispensa deve-se à falta de água e luz, provocada por avaria no transformador de energia há cerca de 45 dias.

O problema foi comunicado à

Coordenadoria de Ensino da Grande São Paulo (Cogesp), em meados de janeiro, mas até agora não foi solucionado. Além disso, para aliviar as classes de 4<sup>a</sup> série, a direção da escola remanejou 33 alunos para a sede da Sociedade Amigos do Bairro. Ca-

so contrário as salas ficariam com 54 crianças.

A reforma de ensino, adotada no início deste ano, separou os prédios escolares por faixas etárias. Parte ficou com classes de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries e outros receberam alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> e

2º grau. Funcionários e professores das escolas afirmaram que faltou planejamento para remanejar os alunos e os problemas verificados agora poderão provocar evasão.

"Numa classe com 54 estudantes, o professor fica espremido contra a parede e os estudantes sem qualquer conforto", ponderou a professora de Sociologia e História, Márcia Regina Viotto. "Eles estão apostando na desistência para aliviar as salas."

**Superlotação** — A superlotação se repete na EEPG André Dreyfus, na Vila Prudente, onde há sala com 48 pessoas. No Jaraguá, faltam carteiras para acomodar os estudantes da EEPG Ana Siqueira Silva no período noturno. Como a unidade é a única das redondezas que oferece 2º grau, as classes estão funcionando com até 50 alunos. Outra que está com classes cheias — de 46 a 50 alunos — é a EEPG Dr. Álvaro de Souza Lima, no Parque Bristol. Sem contar a EEPG Terezinha Sartori, em Mauá, onde estudantes têm aulas no pátio por falta de espaço.

A assessoria de imprensa da Secretaria de Educação admite que 10% da rede enfrenta problemas de falta de mobiliário e calcula que em dez dias a questão esteja solucionada. Recursos de R\$ 10 milhões foram repassados às delegacias para compra ou recuperação de carteiras. As delegacias estão autorizadas a remanejar mesas e cadeiras para atender à demanda de cada unidade. Na Cogesp, há 12 mil conjuntos para atender as emergências.